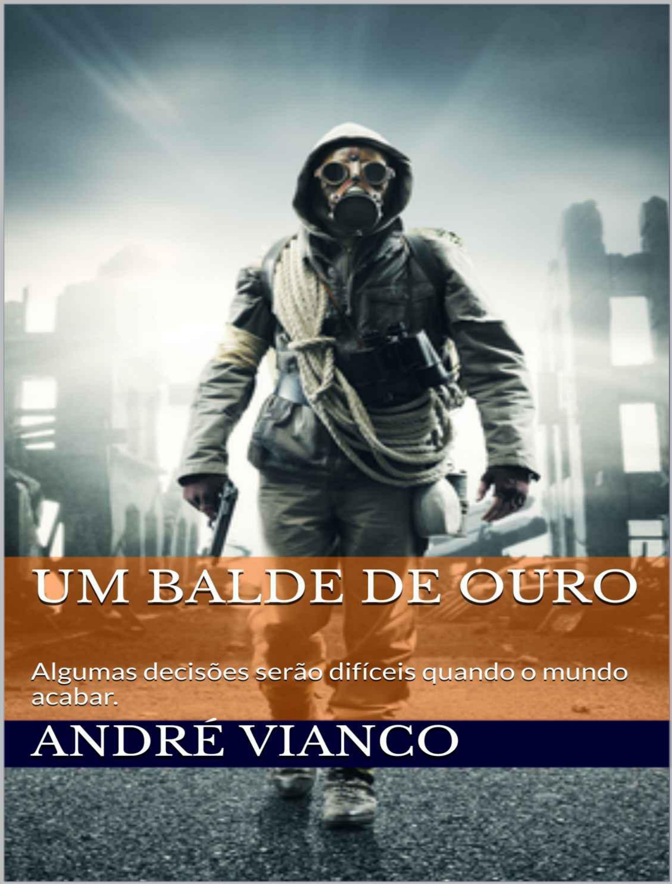
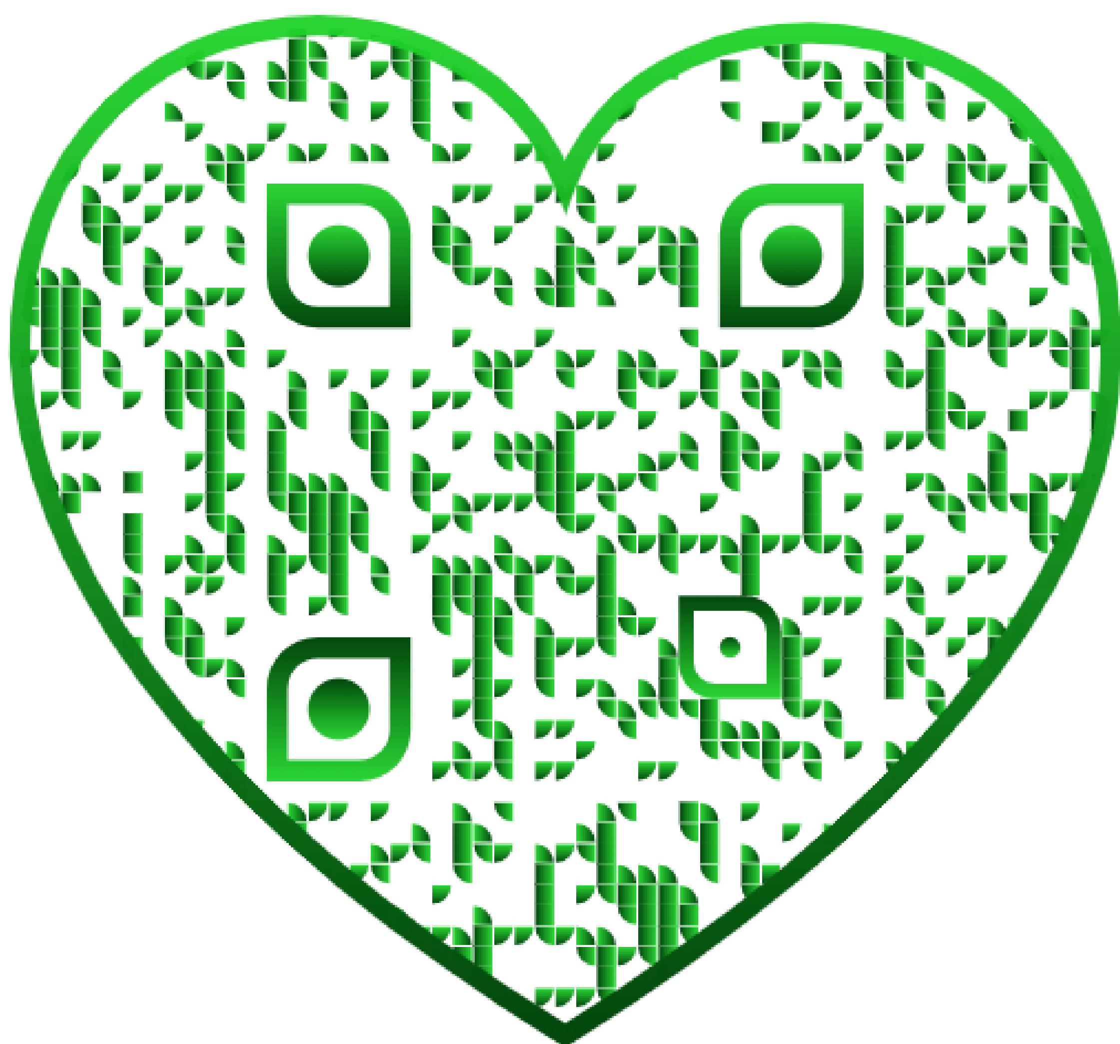

UM BALDE DE OURO
Algumas decisões serão difíceis quando o mundo acabar.
ANDRÉ VIANCO



Um balde de ouro

Copyright©2015 André Vianco

Imagem de capa: Pond5

Publicado em julho de 2015, todos os direitos reservados.

Um balde de ouro

Foi de madrugada que começou o incômodo. A dor nasceu latejando na gengiva e eu sabia que não ia parar. A única vez que meu dente doeu assim eu tinha vinte e três anos, apesar de ser uma aficionada em escovação, fio dental e enxaguantes bucais. Achei um disparate ir a minha dentista para fazer o canal. Ela disse que o drama começou com uma cárie, pequena e sorrateira que foi se espalhando. Meu

medo era a dor que eu tinha na memória voltar e me forçar a voltar para a cidade. Inferno! Tudo poderia acontecer. Tudo. A começar que eu teria que correr agora que o sol despontava no horizonte para deixar meu suprimento de água fervida em dia e teria que fazer um litro extra para a pedalada.

Fosse antes, seria fácil. Pegaria meu celular, tinha pelo menos dois dentistas na agenda. Era só ligar e pedir para um deles arrumar um encaixe de emergência. Ri ao pensar nisso. Um dente danado na raiz era uma emergência em qualquer época. Lá e aqui. Muitas emergências

mudaram. Ligar na oficina para revisar as pastilhas de freio era uma “urgência” para mim antes de viajar. Sempre fui precavida. Agora, carro não era emergência ou urgência alguma. Nem dia da fatura do cartão nem assinatura da TV ou comprar presente do Dia das Mães. Agora o que importava era ficar vivo. A maioria das coisas eu solucionava com um canivete, um arame ou, em último caso, com uma bala de revólver. É. Eu precisei aprender a usar um revólver. Seis anos atrás estaria preocupada em comprar ingressos antecipados pra mim e minha turma assistir a estreia de um filme da Marvel ou ansiosa

com o update do sistema operacional do meu celular e não em manter minha água limpa por uma semana ou onde encontrar um antibiótico caso aquele dente descambasse para uma infecção. Achar antibióticos é o paralelo a ter encontrado um balde cheio de ouro seis anos atrás.

Tudo era tão fácil naquele velho mundo. Queria água? Abria a torneira. Queria ler? *Clique* e a tela do e-reader iluminava calidamente o meu rosto me dando um bilhão de títulos sem sair de casa, me arrastando para bem longe da minha realidade árida. Sorrio ao lembrar as minhas preocupações. Chegar na hora

ao trabalho era importante. Avaliações semestrais eram um diacho! Tinham semanas que todo mundo parecia estar te medindo inteira. Eu fazia tudo certinho. Não queria irritar minha gerente. Não queria irritar ninguém na verdade. Nem nas minhas redes sociais eu incomodava, apesar de ter vontade de comentar com acidez as postagens imbecis que encontrava. Faltava coragem. Ficar fora do radar sempre foi um grande negócio. Lá atrás e aqui, no mundo novo. Não perder o emprego era um grande negócio. A gente nascia para essas coisas. Suprir as necessidades da cadeia econômica.

Quando éramos pequenos precisávamos que nossos pais se matassem para comprar fraudas descartáveis, pagar plano de saúde, comprar coisas de plástico, colégio, brinquedinhos das promoções das lanchonetes, presente nos aniversários, Natal, daí nasciam nossos irmãozinhos e mais coisas precisavam ser compradas sem que a gente soubesse que eles também tinham que comprar coisas para eles mesmos. Esmalte da estação, carro do ano, a nova TV com um trilhão de pixels de definição. Financiar carro novo em 60 meses. Cinco anos preocupada com boletos. Se não

tivesse acontecido o grande evento de seis anos atrás acho que eu ainda estaria distraída dentro dessa ciranda criada pelos mentores do mercado, essa cortina de fumaça que eles inventavam para manter todo mundo iludido e correndo atrás do balde de ouro pendurado na nossa frente, na ponta de uma vara.

Só que nem eles, os mentores, conseguiram deter a desgraça. Uns dizem que, igual nos filmes de catástrofe, começou nos Estados Unidos. O colapso. O dinheirc era uma coisa que diziam que a gente tinha (ou não tinha, como no meu caso) e a gente via como uns

numerozinhos no extrato. Dizem que de uma hora para outra esses números não significavam mais nada e que o dinheiro não existia mais. Outros disseram que foi a água. A grande seca que perdurou anos, voltando para nos devorar como já tinha feito com antigas civilizações esparramando a fome.

O que sei de fato é que o mundo virou de cabeça para baixo. Ninguém mais foi trabalhar. Todos tinham que ficar em casa, enterrados em terror, olhando pelas janelas de casas e apartamentos, vendo a turba enlouquecida passar, tacando fogo em tudo. Quando o dinheiro sumiu o

mundo se perdeu. Acabou o leite e não tinha mais supermercado para vender. Acabou a carne e o pedaço de plástico que você segurava não fazia mais de você o melhor caçador. Em menos de cinco dias a água parou de sair dos canos e a energia não corria pelos postes e estávamos de volta as trevas. Quando a barriga roncava, homem e mulher tinham que sair, procurar, caçar. Eu tinha Miojo e latas de frutas e sopas e resolvi esperar meus amigos me buscar. Meus amigos das redes sociais nunca fizeram check-in. Depois de trinta e oito dias surgiu um homem, com dois filhos. Ele pediu para entrar, estava com os olhos

fundos. Eu fiquei parada no meio da porta tentando entender onde eu tinha errado. Por que eu tinha aberto a porta em primeiro lugar? Às vezes eu acho que estava dormindo na sala, sonhando que uma das minhas amigas estava chamando. Às vezes eu penso que estava entorpecida pela depressão e abri a porta por coragem. Só sei que foi a maior burrice que fiz na vida. O homem começou a falar com o menino pálido no colo. Tremia e transpirava, a boca seca e cheia de rachaduras sangrava um pouquinho no canto. Era a tal doença sobre a qual gritavam na rua.

Ele perguntou se eu tinha

água, disse que ele não era perigoso, só queria salvar o filho que estava com febre, perguntou se eu tinha remédio. Eu vivia com alergias, com rinite, sinusite, o tempo doido da capital sempre me deixava gripada, irritada ou sem sono. Ele olhou para o meu balde de ouro. Eu estendi o antipirético e ele deitou a criança, esguichando um jato laranja para dentro da boca do moleque. A irmã mais velha, com jeito de doze anos, também tremia. Eles tinham visto o inferno lá fora. Não se pareciam com gente do prédio.

- Água. - pediu o homem.

Ele me seguiu até a cozinha e viu minha dúzia restante de garrafas de um litro e meio ainda fechadas e nem sabia dos baldes e da banheira cheinha no banheiro. Servi-lhe um copo, agora era minha mão que tremia. Ele sabia que eu tinha mais ouro na minha casa. Repetiu que não queria me fazer mal, que iria embora assim que a febre do filho baixasse. Eu sabia que o meu balde de ouro estava em risco. Ele se curvou sobre o menino e começou a chorar. Fiquei olhando para a garota de moletom que arranhava os braços. Lembro que olhei pela janela da minha sala vendo três prédios em chamas na quadra de

cima que enegreciam o sol e quando voltei a olhar para o homem foi que eu vi, nas costas dele, a coronha do revólver. Eu, que nunca tinha rezado, rezei. Eles tinham que ir. Ofereci uma garrafa e o frasco de remédio para febre e disse que eles tinham que ir. Eu já tinha escutado um monte de coisas da janela e da fresta da minha porta. Eu sabia que coisas horríveis já tinham acontecido naquele mês e meio. Estava vigorando a lei do cão, a lei do mais forte e eu nunca fui a mais forte. Nunca. Eu sabia exatamente o que estava em jogo. O homem se debruçou chorando em cima do filho. O menino não se mexia e agora a

menina também estava ajoelhada. Eles não iam parar de chorar ali na minha porta. Não iam. Quando ele voltasse a si, após a aceitação de que o filho estava morto, ele se viraria para mim porque ele ainda tinha a mais velha para dar conta. Meu apartamento era perfeito. Eu tinha escolhido os móveis que eu queria. Eu ganhava bem para uma solteira da minha idade e estava com a despensa cheia quando dinheiro algum comprava comida. Tudo brilhava como o maldito ouro.

Minha mão tremeu depois do terceiro tiro. O primeiro pegou nas costas do homem enquanto eu,

desajeitada, puxava a arma da sua calça. A menina gritou e o segundo foi bem nela. O pai se virou. Eu chorava, mas não tremia ainda. Eu precisava fazer. Ele ergueu a mão apavorado. Eu apertei os olhos e puxei o gatilho ao mesmo tempo. Quando tudo ficou quieto no escuro tive medo. Muito medo. Arrastei os três corpos para fora. O homem era grande, levei quinze minutos para empurrá-lo. Tranquei a porta e só abri vinte e seis dias depois.

O resto deles três ainda estavam lá. Do lado de fora a cidade em chamas. Durante o dia não se via mais gente na rua, o que era esperto.

De vez em quando gritos e tiros de arma de fogo. Não tinha mais sinal de celular para ligar para a polícia e nem internet para buscar informações. Era cada um por si. Meu prédio minguou, sem fogo, sem gente, sem vida quando o deixei, seis anos atrás.

Ninguém veio me buscar. Nenhum amigo das redes sociais, nenhum amigo do trabalho ou da faculdade. Foi a segunda noite que eu chorei. Tinha matado gente no meu apartamento. Um pai e uma filha. Eu não tinha ninguém. Minhas lembranças e memórias, junto com os meus pés, me fizeram buscar aquele esconderijo na estrada velha de

Santos. A primeira noite eu dormi na casa de pouso de Paranapiacaba, mas na manhã seguinte eu entrei na mata. Seria mais seguro. Era melhor não ver gente por enquanto. As coisas ainda ficaram turbulentas por uns três anos. Depois amainou. Dava para eu ver Cubatão e Santos e a fumaça negra que se erguera das cidades naqueles velhos dias. Ali eu teria água limpa e água era tudo. Saudade de abrir a torneira. Saudade de pagar coisas pelo celular. Agora tudo isso era passado e o meu pote de ouro seria encontrar antibióticos e anti-inflamatórios para lidar com aquela maldita dor de dentes. Eu sabia que

teria outro demônio mais para frente. Se fosse canal, canal mesmo, eu ia ter que arrancar aquele dente fora. Verifiquei a tira da mochila e continuei pedalando pela estrada rumo a cidade. Ressuscitar um demônio por dia estava bom demais.

André Vianco julho 2015